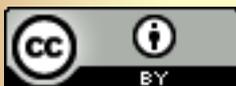


v. 16 n. 41 (2024)

ISSN: 2177-1626

**Revista do Programa
de Pós-Graduação
em Educação****UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE SANTOS**

**HOOKS, bell. Tudo sobre o amor:
novas perspectivas.
Trad. Stephanie Borges. Rev. Laura
Massunari; Tomoe Moroizumi.
São Paulo: Elefante, 2021. 272p.**

*HOOKS, bell. All About Love: New Perspectives.
Tar. Stephanie Borges. Rev. Laura Massunari;
Tomoe Moroizumi. São Paulo: Elefante, 2021.272p.*

**Rosângela Rodrigues dos Santos¹
Mary Gracy e Silva Lima²**

Resumo: bell hooks nos apresenta com a obra que é composta por treze ensaios que refletem, discutem e recompõem o conceito de amor, problematizando suas ações na constituição da nossa humanidade. Inicia apresentando a construção de discurso hegemônico sobre a idealização do amor; no percurso, discute a ideia do amor romantizado e instiga à reflexão sobre prática amorosa mais significativa. Os ensaios são construídos de modo interligado para compreensão da integralidade de várias dimensões do ser humano, que são amalgamadas pelos princípios do amor. A autora realça que o amor é ação e escolha que integra afeto, espiritualidade, honestidade, responsabilidade e compromisso em nossas relações humanas, para que a sua materialização seja efetiva. Conclui a obra com vários relatos de vivências de amor, sempre entrelaçados em alegrias, desafios, reflexões e afeto.

Palavras-Chave: amor; espiritualidade; reconstrução; ação; compromisso.

1. rosangelajua@gmail.com. Especialista em Psicopedagogia e Formação Docente para a Educação Superior pela Faculdade de Juazeiro do Norte. Mestre em Educação pela Universidade Católica de Santos. Estudante do Curso de Doutorado em Educação da Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8107-7258>

2. mgracysl@gmail.com. Possui Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Piauí (2009) e Doutorado em Educação (Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2014). Professora adjunta da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) desde 2006. Atualmente é membro do Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisas Educacionais (NEEPE) da UESPI-CCM. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6339-6557>

Summary: bell hooks presents us with a work that is made up of thirteen essays that reflect, discuss and recompose the concept of love. Problematizing their actions in the constitution of our humanity. It begins by presenting the construction of a hegemonic discourse on the idealization of love, along the way it discusses the idea of romanticized love and encourages us to think about a more meaningful love practice. The essays are constructed in an interconnected way to understand the integrality of various dimensions of the human being that are amalgamated by the principles of love. The author highlights that love is action and choice that integrates affection, spirituality, honesty, responsibility and commitment in our human relationships, so that the materialization of love is effective. She concludes the work leaving us ecstatic with so many stories of love experiences always intertwined with joys, challenges, reflections and affection.

Keywords: love; spirituality; reconstruction; action; commitment.

A leitura da obra “Tudo sobre o amor: novas perspectiva” diz muito da coragem e resistência de bell hooks, haja vista que falar de amor em uma sociedade que cotidianamente vivenciam o desamor é uma disruptura à lógica capitalista, globalizada e desumana. Todavia, sua obra nos possibilita sulear caminhos de esperança e de amorosidade em um contexto neoliberal, machista e desigual. Para tanto, a autora nos oferece reflexões sobre o amor como uma desconstrução do conceito do senso comum nas relações afetivas e sociais, instigando o repensar as diversas formas de compartilhá-lo em todos os espaços de convivência humana. Salientamos que bell hooks é, foi e sempre será uma referência intelectual fora dos padrões estabelecidos pelo patriarcado; mulher de luta, que coloca em pauta discussões sobre o feminismo, as relações étnico-raciais e outras temáticas que possibilitam a fluência da cultura solidária e amorosa, e, para isso, faz uso de sua escrita provocativa e vivencial, gritando rebeldemente por transformações sociais.

No diálogo que bell hooks partilha com os leitores na obra “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”, há treze ensaios que discutem criticamente o amor nas suas relações entre as pessoas, com a natureza e com o mundo; realçam as injustiças e crueldades realizadas em nome do amor, além do conflito entre o amor ideal, suas conexões com a vida e a espiritualidade. Assim, problematiza a intencionalidade midiática do amor romantizado, estruturador da cultura patriarcal e suas consequências para a compreensão e valorização do amor. Mediante toda construção do conceito equivocado, é preciso ressignificá-lo, para que sua prática faça sentido nas relações.

Ao adentrar a obra, iniciaremos com “Clareza: pôr o amor em palavras”. Neste ensaio, bell hooks discute o contexto da sociedade estadunidense, mas vale considerar que, diante da globalização desmedida, o desamor se propagou e repercute em todo o mundo, em especial no Brasil, que sofre influência da cultura externa, alterando significativamente nosso modo de viver. A autora realça que o amor é objeto do desejo de todos, quase como um sinônimo de felicidade, haja vista o discurso do significado do amor estar relacionado ao romance e ser disseminado nas mídias como algo fantasioso, posto num lugar ideal, que se torna inalcançável. Portanto, ampliando as dificuldades

de se adaptar aos moldes da perfeição, a ideia do amor sofrido é mais aceitável do que desconstruir os padrões incutidos em nossa educação. Por esse prisma, no/por amor vale tudo, pressuposto combatido firmemente em toda obra de bell hooks, que expressa radicalmente que “amor e abuso não podem coexistir” (p. 35). A autora rompe com o *status quo*, que a todo o momento tenta normalizar realidades violentas e trágicas.

Quando bell hooks sincroniza os ensaios para compreender o amor, passa a questionar nosso entendimento sobre esse sentimento: o que é o amor? Como podemos amar? A idealização do amor não responde a todas as problematizações que nos relacionam com a ação e o sentimento amoroso. O amar é cultivar, é conviver, não somente sentir um afeto profundo por alguém. Em sua busca pelo significado da palavra amor, considerando que o termo está em linhas turvas na compreensão humana, a autora destaca a necessidade de definição partilhada.

A trilha que se segue para desapegar de tantos padrões impostos, que, ao nos envolverem numa trama de amor romântico, nos impedem e anulam a capacidade de dar/receber amor. Ainda em suas reflexões sobre o amor, hooks apresenta a estratégia de encorajar todos a pensarem esse sentimento como ação e não somente como discurso ou verbete que ilustra folhas de caderno ou livros de autoajuda.

Seguindo com suas conexões sobre o amor, a autora faz um elo entre os capítulos, trazendo “Justiça: lições de amor na infância”, ensaio no qual problematiza nossas vivências com a definição do amor e desvela os mitos sociais que normalizam a violência nas relações amorosas. bell hooks faz relatos fortes sobre o amor e o abuso realizados pelos pais durante a infância dos filhos.

Toda a organização do capítulo coloca em pauta que “não pode haver amor sem justiça” (p. 44) se não há respeito pelos direitos básicos das crianças – é mister, portanto, que não estamos estabelecendo bases para o amor. A estudiosa ressalta que se não aprendemos a amar com ações positivas, não seremos amorosos com os nossos filhos, pois a prática do amor não pode legitimar um comportamento abusivo. A violência a todo momento repercute na vida adulta, histórias de violência e de dependência emocional muitas vezes se repetem por vivências de desamor na infância, deixando cicatrizes profundas. A autora reafirma que o mais relevante é compreender os elos que nos unem enquanto família, e assegurar ações amorosas que ensinem respeito, estabelecendo os limites e a disciplina para que possamos assumir responsabilidades, sem a necessidade de punir ou usar o poder abusivo que são ferramentas poderosas no mundo adulto.

Finalizando o capítulo, a autora ressalta a necessidade de ver a educação amorosa em todos os tipos de família, com intuito de estabelecer a cultura de partilha de amor,

para, assim, possibilitar às crianças compreender a prática amorosa como um circuito que se amplia pela responsabilidade, pelo compromisso e pela ação efetiva de amor.

Em mais um capítulo instigante e interligado num diálogo fluente de afeto, bell hooks nos apresenta “Honestidade: seja verdadeira com o amor”, no qual questiona sobre nosso compromisso com a verdade, haja vista termos escolhas entre a verdade e a mentira. A autora ressalta que, numa sociedade de aparências, a mentira na maioria das vezes é melhor aceita que a verdade impactante. Assim, a partir das construções dos discursos que se perpetuam na sociedade, é melhor um amor verbal e abusivo do que viver uma prática amorosa que não foi delineada pelos padrões sociais. A mentira patológica passa a ser a representação do real e a felicidade expressa nas mídias da comunicação se tornam veias manipuladoras para alienação coletiva.

Para fundamentar sua teoria, a autora traz contribuições de autores como Sissela Bok, Harriet Lerner, Dorothy Dinnerstein, Victor Seidler e John Stoltenberg, que analisam a construção da identidade masculina e as contribuições do patriarcado nesse processo, visto que a inabilidade de assumir seus compromissos provoca ações de desamor: “O distanciamento dos sentimentos torna mais fácil para os homens mentir porque eles geralmente estão em estado de transe, utilizando as estratégias de sobrevivência voltadas para a afirmação da masculinidade que aprenderam quando criança” (p. 56).

Infelizmente ainda vivemos numa cultura patriarcal que, mesmo diante de tantas lutas e conhecimentos reconstruídos, somos cotidianamente surpreendidos com o aumento da violência contra mulheres, crianças e idosos, que, por vezes, são praticados por homens que acreditam que amor e abuso são palavras sinônimas. Nesse capítulo, a autora realça que, num mundo de consumo de produtos e imagens, tudo o que é visto pode não ser real, mas uma potencial mentira construída para criar um “eu falso”, para mascarar medos e ser valorizado por outrem. Assim, ela destaca que “[...] romper com essa negação é sempre o primeiro passo para descobrir nosso desejo de sermos honestos e claros” (p. 62).

A tessitura apresentada pela autora nos possibilita compreender a conexão transcendental do amor em todas as dimensões do humano, em especial no capítulo “Compromisso: que o amor seja o amor-próprio”, no qual hooks nos permite um olhar internalizado para o contexto e as ações de reconexão com o amor, para, desse modo, compreendermos todo o ambiente que nos ensina a amar, reestabelecendo elos com nós mesmos, na perspectiva de vivenciarmos experiências que se integram pela clareza, justiça e honestidade do amor.

A autora realça a necessidade de reconstruir todo sentimento negativo internalizado na infância, processo que se inicia na superação da baixa autoestima e no aprender a nos amar, destacando que essas reflexões podem potencializar a autoaceitação,

o florescer do amor-próprio e a ampliação da consciência de si e do outro. E expressa que “[...] para viver conscientemente, temos que nos engajar em uma reflexão crítica a respeito do mundo em que vivemos e conhecê-lo mais intimamente” (p. 67).

A partir das indagações de bell hooks, fomos instigadas a compreender a urgência para abraçar o compromisso com as mudanças cotidianas, para permitir que o amor seja ação. Ela fundamenta sua construção teórica em Nathaniel Branden e sua obra “Autoestima e seus seis pilares”, que apresenta como dimensões: a prática de viver conscientemente, a autoaceitação, a autorresponsabilidade, a autoafirmação, viver com propósito e praticar a integridade pessoal” (p. 66). A leitura nos estimula à reflexão sobre o amor, nossas ações e nosso comprometimento para tornar o mundo à nossa volta um pouco mais humano, visto que essa transformação requer luta, quebra de paradigmas e rompimento com a cultura patriarcal que nos coloniza.

Em continuidade à construção teórica do amor e de prática amorosa, a autora contempla o leitor com o capítulo “Espiritualidade: o amor divino”, dimensão que perpassa por todos os outros diálogos e que é fortalecida nesse capítulo, quando bell hooks afirma, logo no início, que “[...] a cultura que está morta para o amor só pode ser ressuscitada pelo despertar espiritual”. A partir dessa afirmação, coloca em questão a força devastadora da cultura capitalista que supervaloriza o dinheiro e o poder como base da existência, desmerecendo a dimensão espiritual. Nesse trajeto de discussão, hooks apresenta a interdependência entre o material e o espiritual, a força e o equilíbrio entre os dois campos, que reverberam positivamente no modo de ver e sentir a vida.

A dominação dogmatizada em tantas religiões corrobora essa cultura, utilizando mensagens que unificam o amor e o colocam numa posição de subserviência e obediência. Esse entendimento equivocado da espiritualidade nos segrega e gera ainda mais intolerância na convivência humana, tornando nossas relações mais distantes, desamorosas e desumanas. A autora elenca, da obra de Fromm, “Sermões de Martin Luther King Jr.”, exaltando que o amor com a força espiritual poderá nos libertar das garras da opressão, da violência e da dominação impostas pelo capitalismo desmedido. Portanto, urge restaurar o amor e o compromisso com a espiritualidade para recompor nossa humanidade perdida e nos permitir prática consciente de amorosidade.

Como refletir sobre o amor e não pensar nos valores que nos conduzem à prática amorosa? Nesse trajeto, bell hooks nos fala que “[...] os valores que sustentam uma cultura e sua ética moldam e influenciam a forma como falamos e agimos. Uma ética amorosa pressupõe que todos têm o direito de ser livres, de viver bem e plenamente” (p. 87). No capítulo “Valores: viver segundo uma ética amorosa”, a autora resgata as dimensões do amor, tão necessárias em nosso cotidiano, reelabora seus hábitos e, conseqüentemente, toda sua forma de viver. A atitude confronta os valores do capital, que

colocam o sucesso financeiro acima de qualquer coisa, desvirtuando o valor do bem-estar humano. Redimensionando seus valores, bell hooks vai apontando os desafios de romper com a cultura patriarcal, dentre eles o nosso medo coletivo do amor, para assim, promover as mudanças necessárias ao exercício de uma ética amorosa.

Toda luta pela liberdade, em seus diversos movimentos sociais, coaduna a prática de ética amorosa, em especial, por considerar que a dominação não pode ser mecanismo de aprisionamento dos sujeitos. Assim, os valores amorosos primam pela lealdade, cooperação, cuidado e respeito, que estão intimamente ligados ao espírito de comunhão, tão ausente nessa sociedade. A autora afirma que a “reeducação é sempre possível”, basta enfrentar nossos medos e abraçar definitivamente o amor para reconstrução de caminhos coletivos de bem-estar, sempre de mãos dadas com a amorosidade que alimenta o corpo e o espírito.

A autora inicia o sétimo ensaio, “Ganância: simplesmente ame”, pontuando a questão da incidente demanda de pessoas depressivas e sem sentido na vida e no amor, culminando em situações de isolamento social, de solidão e de profunda tristeza. Evidencia, ainda, por meio de reflexões importantes, de dados históricos e fundamentos teóricos, que a avareza, a falta de equilíbrio emocional e espiritual potencializam conflitos ideológicos, religiosos e outros que produzem a guerra, e outras formas de superioridade de grupos poderosos defendendo seus ideais, visando recompensas econômicas e se contrapondo a todas as práticas de amor, e de uma visão esperançosa de amor e de justiça.

A grande mídia, para hooks, é o principal meio comunicativo para promoção, reforço da ganância humana, apresentando produtos e condições para o consumo, muitas vezes desnecessário, que dão sensação de prazer imediato, a qualquer custo. Assim, para sobreviver em uma sociedade capitalista, em que o poder político e econômico se concentra nas mãos de poucas pessoas, outros grupos de pessoas excluídos dessa realidade social, como os pobres marginalizados, e outros menos necessitados, querem sempre mais, buscam “qualidade de vida” por vias escusas, criminosas, ilegais, diante da ganância imposta pelo consumo e pela aquisição de bens.

Nesse ensaio, hooks enfatiza que, para superar a ganância humana, que subordina o amor e a compaixão, tem-se que procurar resistir a ela diariamente, vivendo em simplicidade, e compartilhar recursos por meio de políticas públicas para oportunizar à população pobre as condições para viver bem em sociedade – programas de saúde, educacionais e sociais. A autora pontua algumas ações concretas e necessárias para superação da ganância, por meio do desapego de meios e coisas que incitem práticas gananciosas e do reforço a práticas amorosas, tais como se desligar das mídias reprodutoras do sistema elitista e consumidor; demonstrar respeito ao amor, práticas amo-

rosas ao próximo; evitar o desperdício inconsequente; reciclar e apoiar estratégias de sobrevivências ecológicas.

A temática em pauta, no ensaio “Comunidade: uma comunhão amorosa”, apresenta afirmações, fundamentadas em autores relevantes, de que o ser humano, desde o nascimento à vida adulta, garante sua sobrevivência e constrói relações de amorosidades, a arte de amar nas comunidades e nos grupos sociais em que estão inseridos. Corroborando Peck, quando afirma “[...] a comunidade como a reunião de um grupo de indivíduos” (p. 161).

A família nuclear, historicamente, vem sendo considerada como a base da vida em comunidade, e a sociedade conservadora patriarcal e capitalista defende essa estrutura como ideal e única para formação dos valores do indivíduo e sua inserção na sociedade, diante da relação de poder dos pais, algumas vezes abusivas e sem a escuta dos interesses e das necessidades dos outros de forma amorosa.

As pessoas são ensinadas a crer que o maior amor é o familiar, em detrimento do amor encontrado em outros espaços da comunidade, e isso também pode ser relativizado. No desenvolvimento humano, desde a infância, outras parcerias são construídas, pois amizade verdadeira fortalece laços de amor que contribuem para o crescimento do indivíduo, troca de afetos, confiança e desejo do bem-estar do outro, bem como ampliar as relações entre as comunidades.

Para a autora, o perdão e a compaixão sustentam os laços de amor dentro de uma comunidade. “O perdão pode ser um ato de generosidade” e de crescimento pessoal e espiritual pode nos libertar e ao outro da culpa, da angústia e da compreensão de que somos seres errantes, pois o perdoar abre caminhos para o amor. Na vivência da amorosidade, a prática da compaixão é considerada como uma identificação empática, visando à compreensão dos motivos do outro para o exercício do perdão, e, assim, continuar considerando o companheirismo de pessoas que nos fizeram mal como membros da comunidade.

Segundo hooks, muitas aprendizagens vitais para melhor conviver com os diferentes decorrem da vida comunitária e, portanto, o verdadeiro objetivo da comunidade, citando Peck, “[...] é buscar maneiras de viver com nós mesmos e com os outros em paz e com amor” (p. 122). Como seres de relacionamentos pessoais, a autora sinaliza a relevância da construção de comunidades que desejamos por meio de ações concretas e coletivas como organização das estruturas comunitárias. A autora defende as possibilidades das práticas amorosas na família como basilares para a cura dos problemas que afetam os vínculos afetivos, nas interações humanas com pessoas diferentes, para o fortalecimento do amor nas comunidades. Isso, porque “o amor que criamos em comu-

nidades permanece conosco aonde quer que vamos”, assim reafirma que podemos amar e sermos amados em qualquer outra comunidade do mundo fora da nossa inicial.

Em “Reciprocidade: o coração do amor”, a estudiosa aborda sobre os sentidos da amorosidade para a vida humana, e mergulha nas profundas reflexões acerca de questões racionais e emocionais de como vivemos e representamos o amor na nossa vida. O amor é, para os fortes, ter coragem de viver na sua intensidade de momentos de felicidades; outras, nem tanto, pois amar, às vezes, “nos permite adentrar no paraíso”, nem sempre permanecer, e, às vezes, é estar “a dois passos do paraíso”, nem sempre compreender por que se vai ou se foi.

Para a reciprocidade no amor, depositamos crenças de que é o lugar onde não sentiremos dor, onde estaremos constantemente em êxtase. Para superação dessa compreensão ilusória sobre o amor, é preciso que o ser humano seja educado no caminho do amor, o que, nos dias atuais, tem sido desafiador diante do cenário social e político do capitalismo, do conservadorismo e do patriarcado que ainda permeiam uma sociedade desigual e que objetifica e domesticiza o gênero feminino, seja na relação de amor ou no âmbito familiar e de suas relações conjugais, como afirma Dan Kiley, na obra “Síndrome de Peter Pan”, citada por hooks (p.181).

hooks afirma que, “para conhecer o amor”, requer-se desapegar e desacreditar nesse sentido de amor como unilateralidade de poder, doar-se aos sentimentos e às ações de amor, para tanto, para praticar o amor, temos que o escolher, entender o que isso significa na sua vida, bem como acreditar no amor, ter fé e dar passos firmes em direção ao desconhecido – permita-se amar e ser amado, apesar dos dissabores do amor vivido e que pode ainda viver (p. 187).

De acordo com hooks, para doar e receber amor, uma vez que dar é o modo de aprender a receber, precisa-se preparar o caminho para que a doação seja de coração, vivenciar sabores e dissabores do amor requer a prática do perdão, da compaixão, da escuta afetiva, da doação, do desapego e da generosidade; colocar-se no lugar do outro e junto ao outro, com isso aprendemos a experimentar a reciprocidade no amor. Portanto, democratizar o amor é uma pauta urgente no contexto atual de disseminação do ódio, violência e discriminação aos que se consideram diferentes, por isso, urge a produção de projetos coletivos para viver o amor, valorizando e respeito ao diverso.

Na parte da obra “Romance: o doce amor”, a autora ressalta que o amor romanizado como verdadeiro tem sido uma busca constante pelo ser humano, muitas vezes como uma via de mão única: receber sem dar amor. No entanto, para ser amado há que se saiba dar e receber amor, e que haja amor-próprio também. Assim, afirma que “[...] o amor verdadeiro de fato tem o poder de redimir, mas só se estivermos prontos

para a redenção” (p. 199). Portanto, mesmo diante dos dissabores dos relacionamentos afetivos, permita-se amar e ser amado mesmo que seja eterno enquanto dure. hooks defende que a conexão de coração com outra pessoa não é um processo difícil, visto que a essência do amor é reconhecimento mútuo, em que se vê o outro como ele realmente é, nosso verdadeiro *self*. Portanto, para que o amor verdadeiro aconteça, os companheiros se sentem em contato com a identidade profunda um do outro, desafiando uma imersão nessa reciprocidade amorosa que nutre e os transforma.

Como suporte para compreender o amor em vida, a autora nos brinca com o ensaio “Perda: amar na vida e na morte”, enfatizando que o sentido do amor é vida, realça que o amor durante a vida nos prepara para a morte e esse amor pode perdurar além vida. Daí, cabe compreensão de que “[...] o amor nos empodera para viver plenamente e morrer bem. Então, a morte se torna não o fim da vida, mais uma parte dela” (p. 227). Destarte, quando vivemos o momento na presença do amor, mesmo sabendo que a morte será o futuro, torna-se um projeto de vida fortalecedor para que possamos ter sabedoria da transitoriedade dos tempos de felicidades neste mundo desumano. Aprendendo a amar verdadeiramente, aprendemos a mudar, a aceitar mudanças, posicionando-nos sem medos e sem apego diante da vida para o nosso crescimento pessoal e espiritual enquanto ser humano.

No décimo segundo ensaio, intitulado “Cura: o amor redentor”, aborda a crença no amor verdadeiro para vida harmoniosa em coletividade, parte também da compreensão do amor como possibilidade de cura e de redenção, evidenciando que sensações de “eu te amo” e “por ti sou amado” tornam-se imprescindíveis para a superação de sofrimentos, medos e inseguranças, vitais nas relações de interatividade humanas. Assim, hooks afirma que “No fundo, crescer é o processo de aprender a assumir a responsabilidade pelo que vier a acontecer em sua vida. Escolher crescer é abraçar um amor que cura” (p. 238).

Nesse sentido, diante da crise existencial, diante das situações de falta de amor entre os indivíduos em sociedade, e da crescente cultura de violência e abusos em todos os sentidos, temos como desafio aprendermos a percorrer caminhos orientados pela comunhão com nossos pares, pelo equilíbrio espiritual e pela comunhão de ideários de vida. Portanto, a autora realça que a cura para as dores da humanidade pode ser encontrada, por alguns, em que, no encontro entre almas afins, recuperam-se no conforto do poder da oração que cura, isto é, no encontro com a espiritualidade.

A representatividade do último ensaio, “Destino: quando os anjos falam de amor”, nos coloca diante da autora como sua espiritualidade, atribuindo ao amor a fala e a figura dos anjos, que, no imaginário de muitas pessoas, seguem a vertente religiosa que os consideram como responsáveis pelo bem da humanidade, por serem

considerados inocentes, bondosos e de coração iluminados. Depositam fé de que os anjos podem trazer alento e paz no coração de quem os venera e de quem busca o crescimento espiritual. A autora, ao descrever seu percurso religioso desde criança, explica a crença no poder divino dos anjos como seres imaginários. Ressalta que os anjos trazem o conhecimento de como devemos prosseguir no caminho do amor e do bem-estar, sem vergonha de expor nossas dores para que, assim, possamos conquistar a cura e recomeçar novas histórias de amor.

A autora encerra o livro acerca das perspectivas do amor verdadeiro e o seu potencial transformador e nos reconduz à reflexão sobre o amor e seu potencial fraterno, reconhecendo assim o seu poder redentor e curativo das feridas e mazelas sociais, produzidas pelo desamor e individualismo entranhado na sociedade capitalista. Discutir essa obra é fortalecer o discurso crítico sobre o amor, haja vista que traz arsenal teórico, reflexivo e crítico sobre questões inerentes à história, aos dilemas e às vivências acerca da ação amorosa nas relações interativas e profissionais.

O legado de bell hooks está permeado pela sua história, fortemente marcada por dissonâncias com a sociedade patriarcal; num movimento de resistência, usa as vivências para ampliar o olhar crítico à realidade e a conjuntura política na busca por justiça social, por igualdades sociais, por práticas educativas e pedagógicas transformadoras e humanizadoras. Então, analisar e propagar ainda mais sua obra, pela sua voz potente e amorosa, é possível ecoar o amor e as amorosidades do e no ser humano, com a esperança e a humanidade que vêm nos faltando nos dias atuais.